

AI DE VÓS, AI DE NÓS
O caminho de purificação proposto
por Jesus em Lucas 11,37-44
WOE OF YOU, WOE OF US
The way of purification proposed by
Jesus in Luke 11,37-44

Luiz Alexandre Solano Rossi¹
Mariana Schietti²

RESUMO

Na perícopre de Lc 11,37-44 Jesus é convidado por um fariseu para uma refeição e, ao sentar-se à mesa, ignora os ritos legais que deveriam ser praticados antes das refeições. Percebendo que o fariseu estava espantado, Jesus responde à indignação do mesmo com uma análise sobre a limpeza interior e exterior e logo em seguida profere três ais contra os mesmos. O presente artigo busca demonstrar que a purificação das pessoas não se dá por meio da prática dos ritos religiosos, como era proposto pelo grupo dos fariseus nos tempos de Jesus. Antes, a purificação passa pela prática da justiça, que está ligada a uma disposição interna de cada pessoa.

PALAVRAS-CHAVE

Puro; Impuro; Justiça; Libertação.

¹ Luiz Alexandre Solano Rossi é doutor em Ciências da Religião (UMESP), professor/pesquisador no PPGT da PUCPR e na UNINTER.

² Mariana Schietti é doutoranda no PPGT/PUCPR e docente na Faculdade Teológica Sul Americana.

ABSTRACT

In the pericope of Luke 11,37-44, Jesus is invited by a Pharisee to a meal and, while sitting at the table, he ignores the legal rites that should be practiced before meals. Realizing that the Pharisee was astonished, Jesus responds to the indignation of the same with an analysis of the inner and outer cleansing, and then utters three times against them. The present article seeks to demonstrate that the purification of people does not occur through the practice of religious rites, as was proposed by the group of Pharisees in Jesus' time. Rather, purification passes through the practice of justice, which is linked to an inner disposition of each person.

KEYWORDS

Pure; Impure; Justice; Liberation.

Introdução

Diante de um crescimento acentuado de teologias que buscam definir os meios de purificação/santificação dos sujeitos religiosos, sendo muitas delas um instrumento legitimador da manipulação e do exercício de poder, resultando na opressão e na discriminação de determinados grupos que não se encaixam em tais padrões, destaca-se o seguinte problema: o que Jesus propõe como meio de purificação/santificação diante dos esquemas teológicos clássicos propostos pelos fariseus? Diante dessa questão, pretende-se encontrar a proposta de Jesus para santificação de seus discípulos e discípulas, a partir do relato contido no evangelho de Lucas 11,37-44, percebendo-se que a purificação se encontra nos gestos de solidariedade. Metodologicamente, utiliza-se algumas ferramentas exegéticas com o objetivo de demonstrar que a purificação proposta por Jesus não se dá por meio de sacrifícios, ritos religiosos e alienação do diferente. Ao contrário, como será observado, a purificação acontece quando tudo o que uma pessoa tem está disponível àqueles que necessitam independente de quem são. É comum perceber uma repetição do sistema farisaico no cristianismo contemporâneo. As listas de práticas obrigatórias e proibitivas dentro das diversas vertentes cristãs acabam por soterrar a mensagem essencial de Deus ao seu povo. Na perícopes em

tela, percebe-se a oposição de Jesus frente aos religiosos que fizeram da lei, dos dogmas e das doutrinas, um meio de extorsão, coação e opressão. Neste relato, Jesus denuncia as maldades que habitavam no coração daqueles que aparentavam pureza pelo estrito cumprimento da Lei e profere três oráculos de advertência à necessidade da prática do amor e da justiça como meio de purificação/santificação. O referencial teórico que acompanha a pesquisa é fundamentado em Bovon, Fitzmeyer, Marshall, Pagola, Rius-Camp, Sabourin e Silva para a demonstração da perícopé em si bem como dos múltiplos contextos envolvidos.

A lei da purificação

Lucas é uma obra dedicada aos discípulos e discípulas de origens diversas, que não possuíam tradição judaica e, talvez, sequer conheciam seus ritos. Como observa Bovon³, o evangelista considerou a mensagem de Deus através de seu filho uma mensagem universal que deveria chegar a todos e todas, por isso, pretende interpretar a Lei de forma legítima, em harmonia com os ensinamentos do Cristo. É interessante notar, a partir dessa obra, o cuidado de Lucas em expressar as respostas dadas por Jesus Cristo frente às problemáticas do não cumprimento da Lei. Para os judeus do primeiro século a purificação era o fundamento para libertação do povo, assim como, para que pudessem desfrutar das bênçãos trazidas pela aliança de seus antepassados com o Deus Javé. Acontece que essa mesma lei, trouxe ao povo uma política separatista de exclusão, marginalização e até mesmo de morte. Preservar a santidade diante de Deus significava ter devoção total ao templo e à lei, mantendo distância de tudo aquilo que ela considerava impuro, mesmo que isso importasse na aniquilação das necessidades alheias. Pagola ressalta que a busca por essa purificação “acentuava as discriminações entre os diversos setores da sociedade judaica”⁴, e o que deveria uni-los, acabou por separar-lhes.

³ BOVON, François. *El evangelio segun San Lucas (Lc 1-9)*. Vol I. Sígueme: Salamanca, 1995, p. 43.

⁴ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação História*. 7ª. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 236.

O sistema de pureza ritual buscava manter a salvo a identidade judaica, sem ser confundida com a cultura pagã. Compreendia-se que somente poderiam sobreviver se reafirmassem sua adesão incondicional à lei e ao templo e, ao mesmo tempo, promovendo uma política de separação daquilo que era considerado pagão. Tratava-se, decididamente, de uma questão de vida ou morte. A interpretação das leis judaicas e o seu cumprimento era fiscalizado por um grupo chamado de fariseus. Este grupo nasceu por volta de 168 a. C., após a revolta dos Macabeus, diante da invasão que Jerusalém sofreu pelos Sírios. Silva, sobre tal grupo, afirma:

A raiz semítica da palavra fariseu indica que ela significa “separado”. Dessa forma, os fariseus acreditavam na separação como sinônimo de pureza, e que tal pureza poderia ser alcançada pela observação da Lei e pela linhagem sanguínea⁵.

Ainda segundo Pagola⁶, a época de Jesus estava marcada pela injustiça, pela opressão e pela desigualdade, cenário que não se fazia diferente no meio religioso. Os fariseus, tendo a responsabilidade de fiscalização do cumprimento da Lei, não tardavam em interpretá-la de forma privilegiada para si e opressiva para o povo, estavam preocupados em manter uma aparência de santidade e um status religioso perante a sociedade. Para isso, aliados ao Império Romano, os fariseus tornaram a Lei e o Templo uma ferramenta de extorsão dos menos favorecidos, demonstrando a ganância e cobiça que existia dentro de seus corações.

O resultado dessa observação estrita da Lei, usada de maneira abusiva pelos fariseus, gerou “o endurecimento das diferenças e discriminações no seio do próprio povo”⁷. Isto porque, muitas das imposições feitas ao povo com relação aos sacrifícios e a necessidade de manutenção do templo através da cobrança de altos impostos, impossibilitava muitos de manterem o básico da vida. Barbaglio⁸ aponta, neste sentido, que a

⁵ SILVA, Flávio H. O. *Poder e Violência nos dias de Jesus: o Reino de Deus em perspectiva Anti-Imperial*. Londrina: Descoberta, 2015, p. 116.

⁶ PAGOLA, 2014, p. 236-237.

⁷ PAGOLA, 2014, p. 238.

⁸ BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesús, hebreo de Galilea: investigación histórica*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2002, p. 215.

lei pode se tornar um elemento desumanizador do ser humano, quando se torna um obstáculo que impede as pessoas de estabelecerem um relacionamento sincero com Deus, com os demais, consigo mesma e com o mundo em que vive.

Segundo os ensinamentos de Barbaglio⁹, o grupo dos fariseus, apesar de não muito numeroso, era o que exercia maior influência sobre o povo judeu, mantendo-se distantes dos grupos considerados pagãos. A forma como influenciavam o povo fez com que a aproximação e os debates entre o grupo e Jesus Cristo ganhassem destaque. Afirma, ainda, que nem todos os fariseus eram escribas, doutores da lei, da mesma forma nem todos os escribas eram adeptos ao movimento farisaico. Os fariseus por sua vez, desejavam mostrar que eram melhores que os demais grupos de judeus, faziam isso através de uma vida de piedade e interpretação rigorosa da lei.

Barbaglio¹⁰ define como principais características desse grupo: 1) O zelo com a Lei; 2) Formalismo legalista; 3) Justiça baseada nas obras; 4) O desprezo com os pecadores. “Embora os fariseus fossem chamados de sábios em Israel, não foram eles que reconheceram a verdadeira sabedoria de Deus, mas aqueles que eram tidos como ignorantes e malditos”¹¹. Portanto, o fato de apresentarem um comportamento alinhado com a Lei escrita não os tornava aprovados diante de Deus. Tampouco puros.

Através dos relatos feitos nos evangelhos percebe-se que Jesus está na contramão desses fariseus. Ele não demonstra preocupação com o que é exterior e superficial, mas sim com o que está intimamente ligado à vida. Enquanto os fariseus afastam-se dos que consideram impuros e tentam desviar seus caminhos da presença dos pobres e marginalizados, Jesus deseja se aproximar. Jesus faz com que seu caminho seja sempre em meio ao necessitado.

⁹ BARBAGLIO, 2002, p. 161.

¹⁰ BARBAGLIO, 2002, p. 162-164.

¹¹ CAVALCANTI, T. Novos rumos da teologia bíblica: Jesus, a pecadora pública e o fariseu. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, 1989. v. 24. p. 33-45.

A subversão da lei farisaica

Na perícopre de Lc 11,37-44 Jesus é convidado por um fariseu para uma refeição, ao sentar-se à mesa ignora os ritos legais que deveriam ser praticados antes das refeições. Percebendo que o fariseu estava espantado, responde à indignação do mesmo com uma análise sobre a limpeza interior e exterior e logo em seguida profere três ais contra os mesmos.

Sobre o convite feito ao nazareno, Morris¹² entende que a inferência do fariseu quando Jesus “acabara de falar” (v. 37) leva a crer que este fariseu se tratava de um hospedeiro que se interessou pelo ensino de Jesus. Da mesma forma, para Bovon¹³, o fariseu tinha boas intenções em acolher Jesus em sua casa. Em seu convite ele demonstra sua cortesia. Mas para Rius-Camps¹⁴ o convite feito pelo fariseu era proposital e tinha segundas intenções. O referido autor afirma que os fariseus eram os representantes da Lei e da ortodoxia, então não havia porque suportarem Jesus em suas casas sabendo que ele não observava os preceitos religiosos. Portanto o convite seria mais uma tentativa em desclassificar Jesus e acusá-lo de infringir a Lei. Além do mais, esse convite acontece enquanto Jesus ensinava a multidão sobre a luz que existe em nossos olhos, por meio do qual todo corpo pode ser iluminado ou se tornar trevas, dando a entender, segundo Nolland¹⁵, que os fariseus estão insensíveis à luz que vem de Jesus.

Sejam quais forem as intenções daqueles homens, Jesus aceita o convite e ao entrar na casa do anfitrião põe-se à mesa sem cumprir aquilo que era de praxe para um bom judeu. Jesus deixa para trás um dos preceitos mais importantes justamente na presença daqueles que viviam para fiscalizar os contraventores. O texto não menciona se o fariseu disse algo a Jesus ou não, apenas menciona que ficou admirado. O verbo *thaumazó*, expresso no versículo 38, poderia ser traduzido como maravilhado,

¹² MORRIS, Leon L. *Lucas Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983, p. 191.

¹³ BOVON, 2002, p. 279.

¹⁴ RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 216.

¹⁵ NOLLAND, John. *Word Biblical Commentary*, 35A. Luke 9:21-18:34. Nashville: Thomas Nelson, 2000, p. 663.

admirado, surpreso, espantado e é o mesmo verbo utilizado em 11,14, ao falar da reação da multidão vendo Jesus expulsar demônios sem a observância da Lei.

Os fariseus, como representantes da Lei, criam que o reinado de Deus se instauraria no dia em que ninguém deixasse de observar os preceitos mais insignificantes da Lei¹⁶. Por isso, não deve causar estranheza ler sobre o espanto daquele homem em sua própria casa. Afinal lhe era inconcebível que alguém fizesse uma refeição sem antes purificar-se. Mas a ação de Jesus neste momento abre o caminho para questionar: o que e quem é puro diante de Deus?

Ao deixar de se lavar Jesus permanece impuro aos olhos do fariseu. O verbo *baptizo*, utilizado para descrever o lavar das mãos, “nada tem a ver com higiene, mas sim com uma regra feita visando a pureza cerimonial. Antes de comer alguma coisa os judeus escrupulosos mandavam derramar água sobre suas mãos para remover a contaminação contraída pelo seu contato com o mundo pecaminoso”¹⁷. Porém Jesus fez descaso da prática, para ele a pureza não está no rito e sim no coração, como restará demonstrado no texto de Lucas. Sendo assim, tendo ele um coração limpo, não há que se falar em rito de purificação. Já para os religiosos, que estão sujos interiormente, o rito de purificação para nada serve. Jesus destrói a ideologia de pureza do judeu ao se considerar limpo mesmo após ter tido contato com a multidão e com o mundo profano.

Jesus teria se excedido em seu comportamento? Teria ele, segundo Bovon “ido um pouco a mais do que o necessário?”¹⁸. Afinal, ele foi contra os princípios de cordialidade, faltou com elegância e atacou aqueles que o rodeavam. Mas esse comportamento, insuportável para aqueles que estavam sendo atacados, tinha a pretensão de sacudir suas consciências e tentar fazê-los admitir uma nova ética, uma nova moral. Malina e Rohrbough¹⁹ entendem que “condenar os condenadores é uma estratégia importante para repudiar rótulos” que os fariseus criaram para os outros.

¹⁶ RIUS-CAMPS, 1995, p. 137.

¹⁷ MORRIS, 1983, p. 191.

¹⁸ BOVON, 2002, p. 272.

¹⁹ MALINA, BRUCE J.; ROHRBAUGH, RICHARD L. *Evangelhos Sinóticos: comentário à luz das Ciências Sociais*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 308.

Ao ignorar os ritos preparatórios Jesus faz uma comparação direta das taças e dos pratos limpos com o estado do coração sujo e injusto. O problema apresentado por Jesus não está na prática da Lei em si, mas na prática que é desacompanhada de um coração limpo e justo, que faz o bem, que doa a si mesmo em prol do necessitado. Morris²⁰ apresenta diversos estudos sobre o sentido exato do versículo 41. A esmola a ser dada pode representar o interior de seus corações, seus bens materiais ou aquilo que colocam em seus pratos como refeição. Ou pode ser uma ironia de Jesus, quanto ao pensamento farisaico de que simplesmente dar esmolas, sem que haja uma conversão do coração naquele ato é suficiente. Afirma que apesar dessas possibilidades existirem, em qualquer delas é notório que Jesus está enfatizando a importância de um estado interior correto. “Jesus passa a tratar doutras práticas farisaicas em que a ênfase sobre o exterior leva ao erro”²¹.

A mensagem sobre a limpeza externa é de que ela é insuficiente para purificar, por ser superficial. A analogia com o prato e o copo são para mostrar que eles precisam estar completamente limpos. De que adianta um copo limpo por fora, mas sujo em seu interior. O utensílio aqui ganha um valor simbólico, referindo-se ao interior dos seres humanos. Jesus adverte, por meio desse simbolismo, que o mesmo artesão que fez a parte externa do utensílio é também aquele que fez a interna. O artesão a quem Jesus se refere trata-se do próprio Deus. Que não fez apenas a aparência do ser humano, mas também seu interior, seus pensamentos, seus sentimentos. Esse Deus, segundo Lucas afirmou anteriormente, é aquele que sonda os corações (Lc 16,15). E por conhecer os corações, vê a perversão e a maldade que existe em seus interiores. Mas ao dar aquilo que está no interior do copo e do prato, poderás mostrar-se puro verdadeiramente. “Ganância, roubos, perversão desaparecem do coração humano e se alcança uma limpeza não somente ritual, mas autêntica diante de Deus”²².

Sabourin²³ afirma que “o vs. 41 parece dizer que ser generoso ao invés de ganancioso é a melhor maneira de garantir uma verdadeira pureza

²⁰ MORRIS, 1983, p. 195.

²¹ MORRIS, 1983, p. 192.

²² FITZMEYER, Joseph A. *El evangelio según Lucas*. Vol, 4. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987, p. 397.

²³ SABOURIN, Léopold. *L'évangile de Luc*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1987.

do interior, a única coisa que realmente importa”. A ação de Jesus parece querer confrontar ou questionar o interior dos líderes religiosos. Provocando nestes a reflexão sobre a Lei registrada e a Lei que estava sendo vivida

É em oposição ao estrito cumprimento da Lei, exigido pelos fariseus, que Jesus exprime os “ais” de aflições cumulativas. Neles “Jesus lamenta as práticas dos fariseus, que o trarão ao juízo divino. Ele ataca a forma de religião que é baseada na pureza externa, mas ignora a ganância e a avareza interior”²⁴.

Ai de vós – o primeiro oráculo

O primeiro oráculo de Jesus (v. 42) põe em pauta a prática do dízimo da hortelã, da arruda e das hortaliças, que eram exigidas pelos fariseus, com base na ordenança de dízimos contida em passagens como Levítico 27,30-33 e Deuteronômio 14,22-29. O questionamento de Jesus é proposital, pois a Lei não pede a décima parte de tais ervas, mas sim dos três grandes produtos da terra: grão, vinho e azeite, assim uma análise clara da Lei de Moisés seria suficiente para comprovar que a Lei fora estendida e acrescentada pelos fariseus ilegalmente²⁵.

A condenação não é à prática de pagamento dos dízimos por si só, mas é sobre ela vir desacompanhada daquilo que realmente importa. Fitzmyer supõe que Lucas esteja fazendo uso das palavras de Miqueias 6,8: “ó homem, já foi explicado o que é bom e o que Javé exige de você: praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com o seu Deus”. Lucas invoca ensinamentos que já foram transmitidos ao povo de Israel, mas que são preteridos pelos fariseus²⁶. Neste ponto, a palavra justiça merece toda atenção. *krisis* está geralmente ligada a “juízo”, estendendo-se ao sentido de direito. Os direitos daqueles seres humanos são desprezados em troca de uma preocupação com a posição social privilegiada e reconhecida. Sobre o amor, *agape*, este deve acompanhar

²⁴ MARSHALL, I. Howard. *The Gospel of Luke in The New International Greek Testament Commentary*. Carlisle: The Paternoster, 1987, p. 490.

²⁵ HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento*. Exposição do Evangelho de Lucas. Vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 149.

²⁶ FITZMYER, 1987, p. 398.

a observância dos direitos, pois trata-se mais de benevolência, misericórdia, um bom coração.²⁷ O amor e justiça caminham juntos.

Neste sentido não se trata de ética ou moral por si só, mas puramente de fé. É somente numa autêntica relação com Deus que se encontra uma conduta existencial de ética verdadeira. O Jesus de Lucas quer denunciar os falsos saberes e os falsos valores. A justiça e o amor de Deus que são demonstradas na benevolência, “não podem ser substituídas por uma prática de dízimo de itens mais básicos de sobrevivência”.²⁸

Ai de vós – o segundo oráculo

O segundo oráculo (v. 3) diz respeito à posição que os fariseus tinham nas sinagogas, mantendo-se sempre em evidência, sentados de frente para o público, a fim de demonstrarem sua superioridade. Jesus rejeita tal comportamento, como prova de pureza. Aliás identifica isso como a prova de corações corrompidos e maldosos.

O segundo oráculo, repousa sobre a ganância, a ostentação, a auto complacência e a vaidade dos fariseus. Para Fitzmyer²⁹, o contexto dessa crítica, vinda logo após a comparação com a limpeza externa, parece querer afirmar que a bem da verdade os fariseus não estavam preocupados em cumprir acuradamente os preceitos da lei. Estavam, sim, preocupados em serem reconhecidos publicamente, alimentando a própria empáfia.

Morris³⁰ diz, mais especificamente, que esses assentos eram lugares em que eles se colocavam de frente para congregação, olhando para todos e sendo visto por todos. Sentados ali eram “considerados homem de distinção”. Da mesma forma, as saudações nas praças marcavam os homens aos quais se deveria mostrar submissão. Os mercados e as sinagogas eram lugares de interação social no cenário de Jesus. Amar estar em primeira posição nestes lugares é deixar claro o quão ambiciosos são. Há uma distorção na forma de amar dos fariseus, esse amor não atinge outras pessoas, pelo contrário, as coloca em segundo plano.

²⁷ FITZMYER, 1987, p. 406.

²⁸ BOVON, 2002, p. 285.

²⁹ FITMYER, 1987, p. 398.

³⁰ MORRIS, 1983, p. 193.

Os fariseus buscavam esse status, desejavam aparecer, seus corações estavam voltados para isso e não para Deus. As demais pessoas servem, inclusive, como objeto de uso para seus planos egoístas de autoafirmação. A prática farisaica, deste modo, vai em desencontro ao mandamento de amar ao outro como sendo você mesmo. Morris, completando essa ideia, afirma que isso atrapalhava os homens comuns, ao invés de ampará-los.

Ai de vós – o terceiro oráculo

Ao proferir o terceiro oráculo (v. 44) Jesus compara os fariseus com sepulcros. Sabourin³¹ enfatiza que tocar em túmulos naquela época era considerado sujo e impuro e que os jazigos eram marcados com tinta branca justamente para que as pessoas não pisassem neles distraidamente. Porém alguns acabavam sem sinalização e, assim, as pessoas que pisavam neles se contaminavam sem perceber. A comparação de Jesus é de que “andar (ser conduzido) de conformidade com os ensinamentos dos fariseus contaminaria alguém”.³² A fala de Jesus certamente foi dura para os que estavam ali presentes (fariseus e escribas, como diz o texto), pois sendo pessoas que confiavam em si mesmas e se achavam as mais puras diante de Deus, jamais aceitariam serem comparadas a tamanha sujeira, como era o local de enterro dos mortos.

Importante observar que na visão lucana a ética de Jesus não se baseava na interpretação da lei de Moisés como era feita pelo senso comum, mas sim nos dois mandamentos de amor³³. Jesus resistia à forma opressiva com que a Lei era imposta, principalmente tendo em vista a comunidade para qual Lucas escrevia em que muitos não conheciam essas leis. O amor deveria ser o fundamento de qualquer prática, pois nele reside justiça e purificação, e “todo o evangelho de Lucas pugna este amor perturbador e perturbado”.³⁴ Jesus faz denúncias que não são novas, ao menos não deveriam ser aos fariseus que conheciam as denúncias

³¹ SABOURIN, 1987, p. 242.

³² HENDRIKSEN, 2003, p. 151.

³³ BOVON, 1995, p. 43.

³⁴ CASTELLANOS, R. *Bíblia: 500 anos Conquista ou Inclusão. O amor subversivo no evangelho de Lucas*. In: VOZES (Ed.). In: *Ribla* 12. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 61.

feitas pelos profetas aos seus antepassados. Passagens bem conhecidas por eles, como Isaías 1,10-17; 58,4-8; Amós 5,21-24; Miquéias 6,6-8, já cuidaram de fazer um contraste entre o rito religioso e a prática da justiça, do amor e da misericórdia.

Jesus “joga na cara dos fariseus sua cegueira pessoal, que os impede de se darem conta de quem são verdadeiramente: pura aparência”³⁵. Nolland defende que a ideia não é sugerir que os fariseus eram sempre maus, mas que sua preocupação com os ritos tinha um aspecto de hipocrisia³⁶. Levar as coisas na literalidade é um exagero. A mensagem de Lucas demonstra claramente a ressignificação do caminho de santidade que leva ao Pai. Proposta essa que precisa ser lembrada por todos aqueles desejam seguir a Jesus e não aos fariseus. Que desejam vida e não morte.

O caminho da purificação proposto por Jesus

Como dito anteriormente, a mensagem de Jesus subverte à ordem imposta pela elite de religiosos que se formara em Jerusalém. Ele deseja libertar aqueles e aquelas que estavam sobrecarregados e abandonados em suas necessidades básicas, sejam elas físicas, emocionais ou espirituais. Os não seguidores assíduos da Lei estavam impedindo o reinado israelita, aos olhos dos fariseus. Mas aos olhos de Jesus eram justamente esses desqualificados que tinham atraído o coração de Deus.

No sermão do monte Jesus inverte a ideia tradicional de que felizes são os que cumpriam a Lei. As bem-aventuranças, para ele, são dedicadas aos de baixo – aos pobres, aos que sofrem, aos injustiçados – e, em seguida, o texto dispara sentenças de ameaças e punições aos que estão acima, colocando-os como responsáveis por tanta dor e sofrimento³⁷: “Fiorenza nos lembra de que dentre os companheiros de Jesus muitos eram pobres, doentes, prostitutas, coletores de impostos, mendigos e pecadores, isto é, pessoas “impuras” do ponto de vista da Lei”.³⁸ De um lado estavam os

³⁵ FITZMYER, 1987, p. 398.

³⁶ NOLLAND, 1993, p. 77.

³⁷ CASTELLANOS, 1992, p. 69.

³⁸ CAVALCANTI, 1989, p. 39.

fariseus, preocupados com ações que envolviam o toque, a saliva, a conversa etc, de outro estava Jesus, preocupado com a vida. Tanto que, ao olhar a relação de Jesus com a prostituta, é possível concluir uma completa rejeição ao credo farisaico de que tudo o que está próximo de uma prostituta é sujo, “Jesus e ela estavam em sintonia. Eles se moviam dentro do espaço do amor-gratidão-gratuidade-conversão-perdão-acolhida-inclusão... tudo isto faz parte de um mesmo campo de compreensão”.³⁹

Bingemer⁴⁰ traz um estudo interessante sobre ação de Jesus no templo de Jerusalém (Jo 2,13-22), em que se percebe certa violência da parte de Jesus ao encontrar o templo abarrotado de comerciantes e logo expulsar todos dali. A autora fala sobre o paradoxo de um evangelho baseado na paz, no amor e na justiça, e uma ação violenta de Jesus ao expulsar todos do Templo. Entretanto, explica a ação de Jesus como uma demonstração de que o templo se tornou um lugar de injustiça e meio de exploração do povo. A venda de animais para uma suposta purificação e conexão com Deus era, na verdade, um ato de injustiça. Jesus demonstra sua preocupação com o povo, com a vida do povo e não com o templo em si, e afirma:

Tomando os vendedores e cambistas como representantes da corrupção, e se a atitude de Jesus é retirar do Templo eles mas as ovelhas, o zelo que o move não está ligado então ao Templo: como o pastor que ama suas ovelhas, quer Ele preservá-las da corrupção, da exploração, da escravidão em que se encontra aquele lugar. Se há aí uma atitude de purificação, ela está ligada às ovelhas, isto é, ao povo; o que lhe interessa é o povo que quer buscar a Deus, mas está sendo enganado e manipulado pelas classes e pelos dirigentes do Templo.⁴¹

Tais ações da parte de Jesus, tomadas como ensinamento, deixam clara a sua percepção de justiça, pureza e vida, que vão muito além do simbolismo religioso, dos santuários de adoração, dos ritos estabelecidos em Lei. Jesus rompe com tais práticas, não por mero descaso, mas por

³⁹ CAVALCANTI, 1989, p. 39.

⁴⁰ BINGEMER, 2001, p. 165.

⁴¹ BINGEMER, M. C. L. *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões e confronto e diálogo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2001, p. 82.

considera-las doentias, abomináveis e injustas. A religiosidade criada para gerar vida estava matando o povo, não só física e emocionalmente, mas espiritualmente em seus relacionamentos com Deus.

Outros atos de Jesus são importantes para identificar seu modo de pensar e viver a purificação. Jesus cura, torna limpo e abençoa, pelo simples fato de que Deus pode proporcionar vida a todos que queiram relacionar-se com ele. As curas realizadas por Jesus não só purificavam a pessoa e proporcionavam a elas uma consciência de aceitação e amor diante de Deus, mas implicavam em consequências sociais: “Jesus removia de quem era curado os sinais visíveis da maldição de sua pecaminosidade e assim o beneficiário podia ser restituído à comunidade”⁴². Mais uma vez o ato de Jesus em purificar um ser humano não passou pelo rito religioso, não aconteceu dentro de uma estrutura específica, mediante um sacrifício ou uma entrega. Ocorreu, sim, como um ato de amor, de justiça, de preocupação e zelo com a vida do próximo, seja ele judeu ou não.

Para Comblin, Jesus enfrentou todo o sistema religioso, indo na contramão das imposições legais “porque penetrou em seu povo pela porta dos pobres”⁴³. Foi sensível a todas as injustiças praticadas, percebendo a miséria que assolava o povo subjugado. Com isso, Jesus rejeitou todo legalismo dos fariseus “repetindo assim as abominações e explorações dos antigos dominadores estrangeiros”⁴⁴. Contrariando as imposições dos chefes religiosos, Jesus apresenta um caminho que leva ao Pai, onde não é possível caminhar com um olhar superficial e raso, em que as dores profundas dos seres humanos sentados à beira deste caminho são ignoradas, pelo contrário, é preciso ter urgência em praticar a justiça.

Conclusão

A ideia de pureza como proposta por Jesus era completamente diferente das práticas farisaicas. E este ponto deveria gerar constante

⁴² FREYNE, S. *A Galiléia, Jesus e os Evangelhos: enfoques literários e investigações históricas*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 198-199.

⁴³ COMBLIN, José. *O clamor dos oprimidos*. O clamor de Jesus. 2ª ed. Petrópolis Editora Vozes, 1984 p. 30.

⁴⁴ COMBLIN, 1984, p. 30.

incomodo no coração dos cristãos deste século. Será que os dogmas religiosos de nosso tempo são baseados na interpretação e na vivência farisaica, ou são fundamentados na revelação de Jesus Cristo?

Rossi⁴⁵ afirma que no Novo Testamento “é a pessoa de Jesus que substitui o templo e, portanto, não poderia sofrer qualquer tipo de reducionismo” e, ainda, que Jesus “rejeita o templo e seu significado”. Mas ainda se encontra uma espiritualidade cristã voltada aos prédios, aos seus cultos litúrgicos, onde a busca pela aprovação dos demais fiéis se torna superior do que a busca por um coração voltado ao outro, entregue ao amor de Deus. A pureza novamente encontra parâmetros no cumprimento dos dogmas estabelecidos pelas diversas vertentes encontradas, normalmente ligadas a uma separação entre o sagrado e o profano à luz dos atuais intérpretes da Lei. A vida humana tornou-se coisa. E a coisa ganhou status de vida. Melhor é tomar a Santa Ceia aos domingos, do que dividir uma refeição com os necessitados. Nesta busca pelo conceito de pureza aos olhos de Jesus Cristo, nasce uma necessidade real de refletir continuamente a igreja contemporânea.

Ai deles, fariseus hipócritas. Mas ai de todos aqueles e aquelas que se esquecem da mensagem essencial do Cristo. Ai de todos aqueles e aquelas que se esquecem dos que estão à margem. Ai de todos aqueles e aquelas que buscam um status religioso e não se lembram de que a pureza deve estar constantemente presente nos corações daqueles e daquelas que doam tudo o que tem a qualquer um que peça.

Referências

- BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesús, hebreo de Galilea: investigación histórica*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2003.
- BINGEMER, M. C. L. *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: Três religiões e confronto e diálogo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2001.

⁴⁵ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Espiritualidade bíblica e transformação social*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p. 17.

- BOVON, François. *El evangelio segun San Lucas (Lc 1-9)*. Vol I. Sígueme: Salamanca, 1995.
- CASTELLANOS, R. Biblia: 500 anos Conquista ou Inclusão. O amor subversivo no evangelho de Lucas. In: VOZES (Ed.). In: *Ribla* 12. Petropolis: Vozes, p. 61-88, 1992.
- CAVALCANTI, T. Novos rumos da teologia bíblica: Jesus, a pecadora pública e o fariseu. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, 1989. v. 24. p. 30-40.
- COMBLIN, José. *O clamor dos oprimidos*. O clamor de Jesus. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- FITZMEYER, Joseph A. *El evangelio según Lucas*. Vol, 4. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987.
- FREYNE, S. *A Galiléia, Jesus e os Evangelhos: enfoques literários e investigações históricas*. São Paulo: Loyola, 1996.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento*. Exposição do Evangelho de Lucas. Vol. 2. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.
- MALINA, BRUCE J.; ROHRBAUGH, RICHARD L. *Evangelhos Sinóticos*. Comentário à luz das Ciências Sociais. São Paulo: Paulus, 2018, p. 308.
- MARSHALL, I. Howard. *Luke: historian and theologin*. Exter: Paternoster Press, 1970.
- _____. *The Gospel of Luke in The New International Greek Testament Commentary*. Carlisle: The Paternoster, 1987.
- MORRIS, Leon L. *Lucas. Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1983.
- NOLLAND, John. Word Biblical Commentary, 35A. Luke 9:21-18:34. Nashville: Thomas Nelson, 2000.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aroximação História*. 7ª. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____. *Jesus de Nazaret: e hombre y su mensaje*. 2ª ed. San Sebastian: Idatz [s/n].
- RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*. São Paulo: Paulus, 1995.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Espiritualidade bíblica e transformação social*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

SABOURIN, Léopold. *L'évangile de Luc*. Roma: Editrice Pontificia Universita Gregoriana, 1987.

SILVA, Flávio H. O. *Poder e volência nos dias de Jesus: o Reino de Deus em perspectiva Anti-Imperial*. Londrina: Descoberta, 2015.

Submetido em: 30/06/2019

Aceito em: 17/11/2020